A frase repetida por tantas jovens e estudos recentes mostram que o acesso à informação já não é o bastante para conter os números de gravidez não planejada na adolescência

Raíssa Guimarães, mãe de Suri aos 17 anos, também tem Ravi

Minervino Júnior/CB/D.A.Press

ressalta a importância de aumentar o diálogo sobre saúde sexual com os jovens, e não apenas com as meninas. “Precisamos entender e aceitar que adolescentes transam — e podem engravidar. É a partir daí que o diálogo e as estratégias devem fluir, a abstinência não é um método eficaz, e é necessário falar mais sobre o assunto.”

Benito cita ainda uma pesquisa norte-americana que aponta que o tempo médio de conversa sobre sexualidade em consultas médicas com adolescentes foi de 36 segundos e, em 35% das consultas, não houve diálogo sobre o tema.

O profissional questiona até que ponto a “cultura do medo”, quando se trata de sexualidade com jovens, é eficaz. Ele explica que na adolescência, biologicamente falando, somos mais corajosos e destemidos, o que mostra que a forma como o sexo é abordado com os jovens não é a mais indicada.

Para o médico, é necessário que passemos a atender os adolescentes com respeito a sua privacidade, confidencialidade e abrindo espaço de escuta. “Se falamos somente das doenças e do terror, eles se sentem enganados quando experimentam e sentem prazer, quando percebem que o sexo não é esse monstro que os adultos fazem parecer. É importante abordar esse lado também.”

Informação não impediu gravidez

Dados coletados e analisados ao longo das décadas pelo relatório Unfpa apontam que a falta de conhecimento sobre anticoncepcionais foi o motivo mais comum para o não uso na década de 1980. Atualmente, esse é o motivo menos citado. Os aspectos que mais interferem no não uso de anticoncepcionais, atualmente, são os efeitos colaterais e sexo infrequente.

O acesso aos anticoncepcionais também melhorou e foi menos citado como motivo de não uso ao longo dos anos. Nesse cenário, a preocupação com os efeitos colaterais, mitos envolvendo os métodos disponíveis, o estigma e a oposição de outras pessoas são os principais obstáculos a serem combatidos, e a forma mais eficaz de vencê-los é abrindo espaço e diálogo para os jovens, eliminando a discriminação e a exclusão pela qual passam as adolescentes grávidas e as jovens que buscam proteção, também vítimas de preconceito.

A administradora Raíssa Guimarães, 32 anos, foi mãe aos 17 e afirma categoricamente que tinha todo o conhecimento necessário para se proteger e, mesmo sabendo que poderia engravidar ao ter uma relação sem proteção, não achava que aconteceria com ela. “Era algo distante, não conhecia ninguém que tivesse passado por isso e, mesmo minha mãe me levando ao médico desde nova, eu via como algo distante e nem pensava nas consequências”, lembra.

A mãe de Suri Guimarães Corezzi, 14 anos, e de Ravi Guimarães Tavares, 3, lembra que quando descobriu a primeira gestação, ela e o então namorado esperaram cinco meses para contar para alguém e chegaram a considerar a interrupção da gravidez.

O mais difícil para ela era sentir que não tinha condição e maturidade para criar um filho, e afirma que se não fosse a enorme rede de apoio com a qual pôde contar, incluindo o pai, os quatro avós de Suri e suas irmãs, o processo teria sido “impossível”.

Raíssa ressalta que enxerga a importância de seus privilégios — ela pôde continuar estudando, terminar o ensino médio e começar e concluir um curso superior — e entende que a grande maioria das meninas não têm a mesma estrutura. “Não posso dizer que me arrependo,

porque hoje minha filha é minha melhor amiga. Mas não era fácil, mesmo com todo o apoio. Ir para a escola, fazer prova com uma bebê, sem carteira de motorista, sentindo o julgamento das pessoas”, recorda-se.

A administradora revela que esse foi um dos seus principais desafios. Apesar de amigos próximos que estiveram ao seu lado, ela se sentia discriminada toda vez que saía de casa com a filha. Até uma corrida de ônibus estava cheia de olhares maldosos e ela chegou a ter vergonha de ir para a escola.

Diálogo

Mãe de uma adolescente, Raíssa considera que a informação está toda disponível, basta um clique no Google, mas acredita que as barreiras e os tabus ainda são grandes obstáculos. “Está tudo escrito ali, mas e o lado humano? A conversa com acolhimento, para tirar as dúvidas de forma aberta e para que o jovem possa trocar pensamentos e compreender aquela informação médica e técnica?”, questiona.

Esse é o tipo de relação e diálogo que ela busca com a filha e que pretende cultivar com o caçula. Ela deixa claro para Suri como seu processo de independência foi adiado e não deseja o mesmo para ela. Raíssa incentiva a liberdade, mas busca deixar claro que as escolhas trazem consequências e é necessário conviver com elas.

Até para se relacionar novamente, Raíssa encontrou dificuldades. Não foi fácil me abrir novamente e confiar em alguém para entrar na minha vida, afinal, a pessoa estaria entrando na vida de Suri. Hoje, ela é casada com o pai de Ravi, e acredita que foi muito feliz ao encontrar um parceiro que ama Suri como uma filha.

Ela compara as experiências com Ravi e Suri e acredita que, hoje, é uma mãe mais segura e que tem mais confiança nas suas próprias escolhas. “Na primeira vez, acho que eu ainda era muito inocente, fui vivendo um dia de cada vez. No Ravi, eu já estava mais consciente, preocupada, atenta a cada detalhe e até mais nervosa com as questões de saúde.”